



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

EVANDRO CAVALCANTI LEAL

**A URBANIZAÇÃO E A MODERNIDADE EM SOLEDADE: UMA DISCUSSÃO
HISTORIOGRÁFICA**

**CAMPINA GRANDE
2021**

EVANDRO CAVALCANTI LEAL

**A URBANIZAÇÃO E A MODERNIDADE EM SOLEDADE: UMA DISCUSSÃO
HISTORIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L435u Leal, Evandro Cavalcanti.
A urbanização e a modernidade em Soledade [manuscrito]
: uma discussão historiográfica / Evandro Cavalcanti Leal. -
2021.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Soledade - Paraíba. 2. Historiografia. 3. Modernidade. 4.
Urbanização. I. Título

21. ed. CDD 711.4

EVANDRO CAVALCANTI LEAL

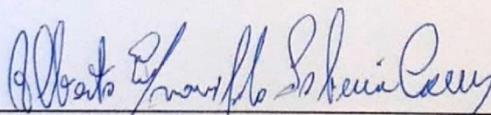
**A URBANIZAÇÃO E A MODERNIDADE EM SOLEDADE: UMA DISCUSSÃO
HISTORIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de licenciado
em História.

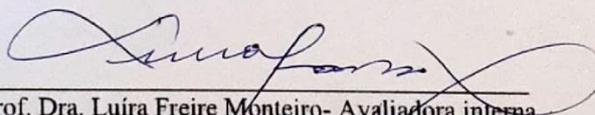
Área de concentração: Ciências
Humanas.

Aprovada em: 18/10/2021

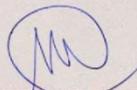
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro- Avaliadora interna
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr. Matusalém Alves de Oliveira- Avaliador interno
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	5
2-DIALÓGOS DOS ESCRITOS SOBRE SOLEDADE NUMA PESPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	7
2.1- “Do Crauá nasce Soledade e nela florescerá”	11
3- SOLEDADE ENTRE O RURAL E O URBANO.....	12
4- SOLEDADE NA ESTRADA DA MODERNIDADE	17
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

A URBANIZAÇÃO E A MODERNIDADE EM SOLEDADE: UM DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

URBANIZATION AND MODERNITY IN SOLEDADE: A HISTORIOGRAPHICAL

DISCUSSION

Evandro Cavalcante Leal¹
Alberto Edvanildo Sobreira Coura²

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso caminha sobre a ótica de observar a escrita e os caminhos da historiografia local sobre um determinado lugar, remontando, pensando e refletindo sobre como as produções em história local se organizam. Nesse sentido, para esse estudo histórico nos apropriamos das análises historiográficas enquanto metodologia de pesquisa, com o objetivo de pensar o processo de urbanização e modernidade em Soledade a partir das pesquisas que tratam sobre a cidade. Tomamos enquanto base de observação os trabalhos intitulados “Da Belle Époque aos Anos Dourados: Rastros de Modernidade em Soledade” sobre autoria de José Tiago Marinho Pereira e a obra “No Meio do Caminho tinha Soledade: Memórias e Sensibilidades- A Construção da Estrada de Rodagem e a Chegada da Br-230” da autoria Ana Carolina de Araújo Marinho, juntamente com o diálogo a partir de autores como Certeau (1982) e Rezende (1993) que enriquecem toda a discussão da pesquisa.

Palavras-chave: Historiografia. Soledade. Modernidade e urbanização

ABSTRACT

The present end-of-course work is based on the perspective of observing the writing and the paths of the local historiography about a certain place, reviewing, thinking and reflecting on how the productions in local history are organized. In this sense, for this historical study we have appropriated historiographical analyses as a research methodology, with the purpose of thinking about the process of urbanization and modernity in Soledade based on research that deals with the city. As a basis of observation we have taken the works entitled "Da Belle Époque aos Anos Dourados: Rastros de Modernidade em Soledade" by José Tiago Marinho Pereira and

¹ Graduando em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB (CAMPUS I). E-mail: evandrorhema@gmail.com.

² Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1998). Lotado no Departamento de História, Campus I / UEPB desde o ano de 1992, e atualmente Assessor da CPCON (Comissão Permanente de Concurso) da Universidade Estadual da Paraíba e pela mesma universidade atualmente estou ministrando o conteúdo Formação Territorial do Brasil no curso de Licenciatura Plena em Geografia – EAD. E-mail: albertocoura@uepb.edu.br.

the work "No Meio do Caminho tinha Soledade: Memórias e Sensibilidades- A Construção da Estrada de Rodagem e a Chegada da Br-230" by Ana Carolina de Araújo Marinho, along with the dialogue based on authors such as Certeau (1982) and Rezende (1993), who enrich the whole discussion of the research.

Keywords: Historiography. Soledade. Modernity and urbanization

1- INTRODUÇÃO

O que fabrica o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? O que produz? [...]O que está profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através de atividades técnicas. (CERTEAU,1982, p.55).

Pensar a história e a sua escrita, é abraçar um mundo em suas múltiplas análises, buscando compreendê-lo, problematizá-lo e descrevê-lo através de seus objetos, ou melhor, suas fontes. É por meio dessa compreensão no qual tece estudos sobre a escrita historiográfica que passamos a pensar a história enquanto uma operação, seja ela discursiva, narrativa e problemática.

Nesse sentido, abordamos nesse trabalho uma discussão historiográfica pensando a urbanização e o processo de modernidade em Soledade através das obras que discutem sobre esse espaço. Em especial, tomamos como uma base os trabalhos de conclusão do curso de História de José Tiago Marinho Pereira intitulado **Da Belle Époque aos Anos Dourados: Rastros de Modernidade em Soledade** e de Ana Carolina de Araújo Marinho que se intitula **No Meio do Caminho tinha Soledade: Memórias e Sensibilidades- A Construção da Estrada de Rodagem e a Chegada da Br-230**, duas obras fundamentais para pensar esse espaço e que contribuem com suas especificidades para essa produção.

É pensando justamente nisso, que esse trabalho surge para dar visibilidade a historiografia soledadense, a qual por escassez de fontes têm sido um empreendimento acadêmico bem complexo, trazer questões do nosso passado soledadense, praticamente é como “tirar água da rocha”. Mas nem por isso os historiadores locais têm se intimidado com essas dificuldades e têm contribuído para trazer à tona um passado que ainda carece de ser conhecido sobre a nossa cidade. E foi com esse sentimento que o presente trabalho foi gestado para analisar essas duas obras de extrema relevância para a historiografia local e despertar outros a fazerem o mesmo, tanto trazendo outras questões pertinentes da nossa História, como dando voz e fazer conhecido obras como as que estão sendo analisadas aqui.

O primeiro trabalho aborda justamente a chegada dos símbolos da modernidade na cidade de Soledade e como os seus cidadãos sentiram, perceberam e foram tocados na sua maneira de ser e se comportar com a chegada desses símbolos do moderno. No segundo trabalho da historiadora Ana Carolina que usou como referência o trabalho de José Tiago, discuti de forma específica a construção da estrada de rodagem e a chegada da Br-230, na qual ele tenta compreender uma prática muito comum dos moradores antigos, que é o de se reunir amigos e familiares nas praças e nas portas das casas para observar a dinâmica do transitar da Br-230, onde ela buscar investigar se tal hábito era advindo da própria Br ou era uma prática anterior.

Nos últimos anos muitos historiadores locais têm se esforçado para trazer à tona no âmbito acadêmico a história de Soledade, o que não têm sido um trabalho fácil visto a escassez

de fontes. Mas esses dois trabalhos acadêmicos que foram analisados marcam uma importante contribuição para a historiografia soledadense. Partindo deste pressuposto o artigo foi gestado a partir da seguinte problemática: Como foi fabricada por esses historiadores as questões concernentes a urbanização e modernização em Soledade?

Para responder esta problemática, fundamentamos a nossa pesquisa sobre a ótica de Michel de Certeau, a qual entende o fazer historiográfico como uma operação, no qual age enquanto uma ciência cirúrgica sobre um determinado espaço, pensando como é fabricado essa escrita através de um lugar social. Também nos apoiaremos em outros autores para compreender um conceito muito pertinente em nossa discussão, que é o conceito de modernidade. E para isso utilizamos dois artigos que serviram como base para essa compreensão, o do Denis Castilho e o de Antônio Paulo Rezende. Onde no primeiro o autor entende o conceito da modernidade como pertencente a um projeto de poder sob uma ideologia desenvolvimentista, do progresso e da racionalidade. Já o de Antônio Paulo Rezende se debruça sobre a construção histórica do conceito de modernidade.

Para esse estudo histórico, optamos em utilizar metodologicamente uma análise historiográfica, que consiste em discutir um determinado trabalho acadêmico escrito por historiadores, compreendendo como tais historiadores operacionalizaram a História na sua pesquisa, levando em consideração como pensaram determinados conceitos, como utilizaram as fontes, quais metodologias se utilizaram e quais foram os aportes teóricos que guiaram suas pesquisas entre outras questões.

Como já explicito, nosso trabalho se deterá a partir de duas fontes, são esses, o Trabalho de Conclusão de Curso do historiador Jose Tiago e da historiadora Ana Carolina, tratando, portanto, de pesquisa bibliográfica, a qual para se poder fazer essa análise se faz necessário uma análise teórico-metodológica dos referidos trabalhos juntamente com o diálogo entre outras obras que enriquece esse artigo.

Sendo assim, esse trabalho de conclusão de curso tem enquanto objetivo analisar como a urbanização e o processo de modernidade foi pensado na cidade de Soledade, no qual trouxe importantes mudanças no perímetro urbano, moldando hábitos e comportamentos dos seus moradores. Partindo desse pressuposto, nossa discussão compreende acontecimentos que marcaram a história de Soledade à medida que o dinamismo do moderno atravessava Soledade e que é apresentado nesse texto em quatro momentos.

No primeiro momento, partiremos da seção intitulada **“DIALÓGOS ENTRE OS ESCRITOS DE SOLEDADE NUMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA”**, na qual abordamos os conceitos que nortearam este artigo com base nos aportes teóricos escolhidos para dar suporte na análise proposta. Em seguida, trazemos em **“DO CRÁUA NASCE SOLEDADE E NELA FLORECERÁ”** um breve histórico da cidade de Soledade para compreendermos o espaço citadino que foi objeto de estudos dos referidos historiadores para podermos contextualizar a análise realizada desde a chegada do Apóstolo do Nordeste, o padre Jose Antônio de Maria Ibiapina, os anos de ouro de 1950 no qual segundo a obra de Pereira (2010) é considerado o apogeu da modernidade em Soledade.

Na penúltima seção intitulada **“SOLEDADE ENTRE O RURAL E O URBANO”**, analisamos o trabalho de conclusão de curso do historiador José Tiago Pereira Marinho, a qual compreendemos para além do que outrora foi dito sobre transição de uma Soledade rural que experimentou gradativamente o moderno. Por fim, na última seção **“SOLEDADE NA ESTRADA DA MODERNIDADE”**, discutimos o trabalho da historiadora Ana Carolina Araújo Marinho, cujo trabalho apresenta não só um acontecimento marcante para a história de Soledade que foi a construção da estrada de rodagem e a chegada da Br-230, como também os comportamentos que fizeram parte dessa dinâmica cotidiana.

Assim, olhamos para essas produções aqui discutidas de forma cirúrgica, buscando a compreensão e importância dessas pesquisas no âmbito de sua historiografia local, observando

seus lugares sociais, possibilidades limites que norteiam a escrita e escuta sobre um lugar, esse, Soledade em seus anos de modernidade.

2-DIALÓGOS DOS ESCRITOS SOBRE SOLEDADE NUMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA

Ao partimos dessa ideia vamos nesse primeiro momento fundamentar nossa discussão tendo como ponto de partida justamente o conceito de fabricação, tomando como base as análises do historiador Michel de Certeau, a qual trouxe importantes contribuições dentro da historiografia, a qual vê o fazer histórico como uma verdadeira operação. Pois para ele o historiador mantém uma estranha relação entre o presente com a “morte”, cuja relação se dar por meio da mediação de atividades técnicas. Para ficar mais claro essa ideia, vejamos o que Certeau (1982) fala:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). (Certeau, 1982, p.56).

Com base nessa declaração podemos perceber que a história, entendida dentro desse contexto como historiografia consiste nessa combinação de lugar que se produz o conhecimento histórico, somado a procedimento de análises que justamente seria a metodologia e as técnicas utilizadas pelo historiador para realizar sua pesquisa que desembocara na produção de uma escrita sobre um “outro” ausente e que já está “morto”, que no caso seria o passado. Interessante pensar nisso, visto que é diferente de outros campos do saber que têm como conhecimento análise direta dos seus receptivos objetos de estudo. Já no caso da história o conhecimento se dá justamente de forma indireta, tendo vista que o passado não existe mais e sim um discurso sobre esse passado que é como Certeau (1982) mesmo fala, que se ocorre por meio dessa operação.

Uma vez introduzida essa compreensão inicial, quando nos deparamos com os trabalhos acadêmicos sob nossa análise vemos que tanto a historiadora Ana Carolina quanto o historiador José Tiago operacionalizaram seus trabalhos e adiante veremos esses respectivos trabalhos com base nessa operação historiográfica, buscando justamente como eles elaboraram suas produções pensando no processo de urbanização e modernidade na cidade de Soledade.

Com base nesse entendimento, o primeiro elemento dessa operação que precisamos compreender é o lugar social, visto que toda pesquisa histórica parte de algum lugar social, econômico, político e cultural. O próprio Certeau (1982) pensa a devida função para este lugar que “instauram métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas se organizam” (Certeau, 1982, p.56). Isso implica que o discurso histórico está vinculado a um lugar de produção.

Tendo em mente isso, quando voltarmos nossos olhos para os escritos sobre a cidade de Soledade, vemos que essas produções historiográficas partiram do lugar onde os historiadores locais estão imersos na sua pesquisa, a qual cada um ao trazer à tona algum aspecto do passado soledadense, trazem produções com temáticas distintas, mas que estão circunscritas primeiramente dentro do mesmo espaço citadino retratado que é Soledade. Mas também boa parte dessas produções estão vinculadas a instituições, que esses historiadores receberam sua devida formação. Como também boa parte do que têm sido produzidos sobre nossa cidade está inserida na chamada Nova História Cultural, a qual abriu a partir da década de 1970 diversas

possibilidades para pensar a História, renovando-se metodologicamente em nosso universo de pesquisa.

Partindo dessas premissas, podemos compreender algumas produções historiográficas que ao longo dos anos surgiram para trazer o passado ainda tão desconhecido da cidade de Soledade como as que são objeto de análise deste trabalho. Poderíamos expandir nosso horizonte para demonstrar outras obras desde revistas como também livros de literatura que certamente contribuem na compreensão desse passado importante dessa cidade paraibana, mas resolvemos focar nos trabalhos de Ana Carolina e José Tiago que certamente abriu novos horizontes para compreender a formação da cidade de Soledade, visto que ao se falar de urbanização e modernidade estamos falando também da sua formação enquanto cidade. Revelando assim que o lugar social diz muito e traz muitas implicações no processo das escritas dos referidos trabalhos.

Também é importante destacar quando se fala em lugar social que toda produção historiográfica tem como contexto de produção uma carga de subjetividade do historiador, visto que fazemos determinadas escolhas desde a escolha do tema até a forma como se fará a produção.

Outro aspecto sobre o lugar social que precisa ficar claro é que ao fabricar a história, ou seja, ao produzir um discurso historiográfico, essa produção será avaliada por seus pares. Isso implica dizer que toda pesquisa histórica parte da premissa que deve ser avaliada e a provada por outros historiadores sobre a égide de instituição de ensino ou algo similar para de fato ter o status de uma pesquisa historiográfica aos moldes da fermenta científica do historiador.

É justamente isso que se observa nos referidos escritos sobre Soledade que para além de ter como outrora falado o mesmo espaço sobre análise que constitui o lugar dessas produções, vemos também que ambos os historiadores partem da avaliação de seus pares e das imposições institucionais do seu lugar de formação que no caso foi a Universidade Estadual da Paraíba, que têm se destacado e muito nesses últimos anos no que diz respeito a produção historiográfica voltada para a história local. E é justamente partindo dessa tendência que tanto Ana Carolina quanto José Tiago e outros historiadores soledadenses formados pela mesma instituição têm feito.

Interessante notarmos que é com base em instituição que além da avaliação dos pares possibilitam a produção de determinados discursos e proíbem outros, como Certeau (1982) coloca:

Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela. Esta instituição se inscreve num complexo que lhe permite apenas um tipo de produção e lhe proíbe outros. Tal é a dupla função do lugar. Ele torna possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. (Certeau, 1982, p.68).

Aqui fica evidente que o lugar onde é feita e ao mesmo tempo se insere a pesquisa histórica faz com que essa produção seja de certa forma produzida com base em um determinado controle por parte da instituição, que dá o suporte teórico-metodológico para que essa pesquisa de fato seja legítima perante a comunidade acadêmica, permitindo determinados temas como também interditando outros.

Então para Certeau (1982) a história é definida “relação da linguagem com o corpo (social) e portanto, também pela sua relação com os limites que o corpo impõe, seja à maneira do lugar particular de onde se fala, seja à maneira do objeto outro (passado, morto) do qual se fala”. (Certeau, 1982, p.69). Com essa definição vemos claramente que a história é uma ciência relacional à medida que ela na verdade é um discurso que está inserido em lugar social, cujo lugar delimita o que será produzido.

O segundo elemento para podermos entender historiograficamente os escritos soledadenses são as práticas ou procedimentos que Ana Carolina e José Tiago se utilizaram para a elaboração de seus trabalhos. Como já foi bem explanado, tudo parte de um lugar social, assim como também a metodologia e as técnicas utilizadas são também instauradas por esse lugar.

Foi utilizada pela historiadora Ana Carolina quanto pelo historiador José Tiago como fonte principal para a elaboração dos seus respectivos trabalhos de conclusão de curso o livro do jornalista e economista soledadense Inocêncio Nóbrega, que têm como título *Malhadas das Areias Brancas*, a qual faz referência a um dos primeiros nomes pelas qual Soledade foi chamada. Essa obra mesmo sendo publicada em 1974, vai ser o primeiro registro histórico sobre o município em questão por trazer uma visão panorâmica acerca da sua história e da geografia. Onde essa obra é sem sombra de dúvidas a principal obra que têm fundamentado importantes trabalhos acadêmicos sobre Soledade.

Essa escolha se dá pelo fato de em Soledade haver uma escassez imensa de fontes primárias sobre a história do município, a qual os historiadores locais tanto recorrem a essa importante obra para a historiografia local como também relatos orais de antigos moradores. Onde mais a frente veremos com mais detalhes como os referidos autores se utilizaram dessas fontes e de outras, na constituição de seus trabalhos.

Quando paramos para entender as práticas em torno da produção histórica vemos que são elas que fazem uma “ponte” entre o presente com o passado a partir do conjunto de técnicas e dos métodos utilizados na elaboração da pesquisa histórica que se quer empreender. Em que consiste realmente esse conjunto de técnicas? Vejamos:

De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das 'neves eternas', o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Artificializa a natureza. Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim, modifica a natureza do homem. (Certeau, 1982, p.71).

Como podemos ver nessa citação Certeau (1982) mostra-nos que as coisas cotidianas podem ser utilizadas como fonte histórica. E isso é bem marcante principalmente depois da década de 1930, devido as transformações teóricas-metodológicas promovidas com o advento da Escola dos Annales que possibilitou a expansão na diversidade de fontes que o historiador poderia se utilizar na construção histórica dentro da sua pesquisa. Até porque o que prevalecia e anda vemos presente em algumas obras são as marcas do positivismo tão criticado pelo Certeau (1982), a qual restringia as fontes aos documentos oficiais escritos. Mas com os Annales praticamente as possibilidades se tornarem infundáveis. Além de possibilitar uma mesma fonte abre leque para novas perguntas feitas pelo historiador, dando um novo olhar aquela fonte.

Isso é muito importante porque como outrora falado, o passado não existe mais e cabe o historiador através de procedimentos próprios do seu campo de saber, mas que dialoga com outros saberes recolher, selecionar e através de suas inquietações acerca de uma determinada temática, fazer perguntas a essas fontes com o intuito de elaborar assim sua pesquisa que dará fruto ao um discurso narrativo, que é o terceiro elemento da operação historiográfica.

A escrita histórica que consiste justamente nesse discurso narrativo não é um elemento isolado, mas como ficou claro até aqui, é resultado que parte de um lugar social, que por sua vez se instaurou métodos e técnicas para elaboração da pesquisa, ganhando forma a partir de uma escrita. Ao tratar sobre isso Certeau (1982) coloca:

A representação – mise en scène literária – não é "histórica" senão quando articulada com um lugar social da operação científica e quando institucional e tecnicamente ligada a uma prática do desvio; com relação aos modelos culturais ou teóricos contemporâneos. Não existe relato histórico no qual não esteja explicitada a relação

com um corpo social e com uma instituição de saber. Ainda é necessário que exista aí "representação". (Certeau,1982, p.88).

Aqui além de ressaltar mais uma vez os elementos constitutivos da operação historiográfica, Certeau (1982) chama a atenção para um fato que esse discurso que é produzido mediante essa operação é uma representação, justamente porque esse passado ele não existe enquanto real e sim enquanto discurso, a qual é a representação desse passado que faz o papel de substituí-lo na escrita historiográfica. Onde esse conceito de representação tomara destaque principalmente depois de 1970 com o advento da Nova História Cultural, cuja perspectiva historiográfica pauta os dois trabalhos analisados nesse artigo, como veremos detalhadamente mais adiante.

Tendo agora uma compreensão mais clara acerca de como se fabrica a história, voltemos nosso olhar para algo muito importante que é a modernidade, uma vez que a nossa análise historiográfica vai justamente trabalhar como foi "fabricada" por Ana Carolina e José Tiago as questões em torno da modernidade. E para entender isso se faz necessário compreender em que consiste essa modernidade que resultou inclusive no processo de urbanização da cidade de Soledade.

O termo moderno na sua acepção do significado traz consigo a ideia de algo recente, novo. Sendo que esse sentido é algo histórico que perpassa o tempo e no senso comum fazendo oposição ao que é antigo. Essa ideia foi tendo suas alterações ao longo do tempo, mas desde o advento do capitalismo no século XV vem com a conotação também de progresso, rompendo com o que era tido como antigo e medieval, principalmente com as chamadas revoluções burguesas que trouxeram em seu escopo a ideia também da inovação em detrimento aquilo que se considerava retrógrado e atrasado. Não é à toa que os termos sempre recorrentes que fazia oposição ao que era tido como medieval, que inclusive, com o advento do Iluminismo trouxe a ideia pejorativa de "Idade das trevas", fazendo assim essa dicotomia conceitual que ficou evidente desde as Grandes navegações, que foi o início do capitalismo. Vejamos o que Antônio Paulo Rezende fala um pouco sobre essa evolução conceitual no seu artigo A Modernidade e Modernismo-Significados:

Porém, já no século XVI, o moderno se opõe ao medieval, com a periodização da história em Antiga, Média, Moderna. Ganha, então, mais claramente, o termo moderno o significado de novo, recente, de algo que não tem ligações aparentes com o passado, criando uma efetiva oposição entre o moderno e o antigo, entre o novo e o velho que iria marcar uma concepção de mundo instituída com o advento da sociedade capitalista, ali cercada na ideia de progresso. (Rezende,1993, p 1).

Como falado nessa citação, fica claro essa evolução conceitual do termo, a medida que vai ganhando novos contornos no seu significado, a parte dos acontecimentos que se desenrolavam à medida que ficava mais evidente a ideia do moderno dentro do que percebemos que isso é o que os trabalhos sob nossa análise trabalham. Tanto o trabalho **Da Belle Époque aos Anos Dourados: Rastros de Modernidade em Soledade** do historiador José Tiago quanto o trabalho de Ana Carolina **No Meio do Caminho tinha Soledade: Memórias e Sensibilidades- A Construção da Estrada de Rodagem e a Chegada da Br-230**, trabalham com o moderno nesse sentido de progresso e inovação, uma vez que como vamos perceber na análise propriamente dita, que a modernidade na cidade de Soledade trouxe inúmeras inovações para os cidadãos, como em ambos os trabalhos fica bem evidente, dando um novo rosto a essa importante cidade paraibana.

Também deve ficar claro que para pensar a modernidade não podemos e nem devemos ficar apenas na evolução conceitual do termo, mas sim compreender dentro de um projeto

encabeçado por grupos de interesses que veem em determinados espaços, possibilidades de progresso, desenvolvimento, além claro da promoção de uma elite dominante que geralmente financia essas transformações oriundas dessa modernidade. E nos trabalhos em questão é isso que vemos o tempo todo onde a elite soledadense quis modernizar a cidade de Soledade com objetivos óbvios, tanto de um progresso desenvolvimentista, mas também com o objetivo de promover os interesses dessa elite local.

A modernidade além da sua evolução histórica enquanto o conceito carrega também a ideia tanto de progresso infra estrutural, como de progresso ideológico e político, por justamente satisfazer parte de um elite. No trabalho de José Tiago vemos que ele está inserido temporalmente entre a Belle Époque aos chamados anos dourados, o que demonstra todo um contexto de transformações que vinha desde a Europa e que vai refletir consideravelmente na cidade de Soledade a medida que os símbolos do moderno vão chegando. Já Ana Carolina no seu trabalho demonstra esse progresso desenvolvimentista a partir da construção da estrada de rodagem em 1950 e da chegada da Br-230, que são consequências diretas desses rastros de modernidade que serão melhor exploradas quando analisarmos a pesquisa de José Tiago.

2.1- “Do Crauá nasce Soledade e nela florescerá”

“Aceitando tal inspiração da maioria bradou o missionário: “Neste momento proclamo a fundação de Soledade”. E, enfaticamente, “Soledade nasce no crauá e nele florescerá” (Nóbrega Filho, 1974, p.21). Com essa importante citação que começamos a fazer um breve panorama histórico da cidade de Soledade. Como bem deixa claro na frase o momento da fundação da cidade, a qual Inocêncio Nóbrega Filho mostra a escolha de como se deu o nome da mesma, a referência que o missionário fundador de Soledade faz é em relação a uma planta comum na região, a qual pertence à família da caatinga.

O intuito desse momento é trazer um breve histórico da cidade de Soledade tomando como ponto de partida o ano 1856, a qual o padre Jose Antônio de maria Ibiapina vem para essa região e fundar essa cidade até o ano de 1950, conhecido historicamente como os chamados Anos Dourados. Onde estenderemos o pano de fundo histórico a qual os dois TCC analisados estão fundamentados para percebermos os momentos históricos que Soledade passou no processo para se tornar uma cidade urbanizada e moderna.

Soledade, município está localizado na microrregião do Curimataú Ocidental do Estado da Paraíba distando cerca de 178 km da capital João Pessoa. Com base no último censo demográfico do IBGE feito em 2016, Soledade tinha 14.853 habitantes. Essa cidade tem como principais atividades econômicas a pecuária e a agricultura de subsistência, possuindo um comércio bem expressivo e sendo beneficiada pelo minério. A cidade está cortada pela BR-230, onde se localiza uma quantidade de estabelecimentos comerciais, tornando Soledade bem conhecida também pela sua culinária.

Voltando nosso olhar para o passado soledadense, através das fontes que dispomos, sabemos que a região que hoje é denominada Soledade começou a ser povoada desde o século XVII sob o desbravamento das bandeiras singulares da família de Oliveira Ledo, praticamente proprietária de todas as terras sertanejas. Onde é na terra do chamado Riacho do Padre que os bandeirantes Teodósio de Oliveira Ledo e Brás de Oliveira requerem essa terra, a qual mais tarde se tornaria Soledade. Observe o que o escritor Inocêncio Nóbrega tem a nos falar acerca do ocorrido:

Riacho do Padre, assim conhecido lembrando a batalha travada, nesse local, pelo padre Sebastião da Silva Pessoa contra os Tapuias Pegas. Na sesmaria de 8. 3.1723, como justificativa disseram seus requerentes, Theodósio de Oliveira Ledo e Braz de

Oliveira: porque elles supplicantes os querião povoar com gados, pedião para cada um três léguas de terras em quadro, começando do logar donde o supplicante Theodósio de Oliveira Ledo dêo batalha com os tapuias Pegas, com grande destruição e mortandade, no riacho que chamam do Padre” (Nóbrega Filho, 1974, p 22).

Dessa forma começa o processo de colonização dessas terras pelos proprietários de gado, a qual as fazendas ficavam distantes umas das outras, não tendo um núcleo ainda que agregasse essa população que começa a vir para essa localidade. Um agravante que marca esse contexto é a cólera morbos que estava assolando o Estado da Paraíba e meados já de 1856, cuja essas terras sequer dispunham de um cemitério para enterrar suas vítimas. E para isso era necessário ir até o cemitério mais próximo que ficava aos 20 km que era o de São Francisco, que hoje é atual cidade de Olivedos-PB.

E foi no ano de 1856, apesar das controvérsias documentais, que o padre José Antônio Maria de Ibiapina empreende a construção de um cemitério, mais precisamente nas adjacências da propriedade Malhada das Areias Brancas, Malhadas das Vacas ou ainda Malhada Vermelha. Onde a partir dessa construção do cemitério e posteriormente de capela que também foi construída que nasceu esse povoado, que inclusive, essa capela foi construída segundo informações que dispomos no livro Malhada das Areias Brancas, em homenagem a Aninha, uma das vítimas da cólera morbos.

De acordo com os dados da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1960), o povoado de Soledade pela lei Provincial de no 682 de 1879 tornar-se-ia Distrito da vila de São João do Cariri. Passados seis anos, o Distrito de Soledade foi elevado à categoria de Vila pela lei no 791 de 24 de setembro de 1885, cinco anos depois se tornou sede da Comarca.

Já no ano de 1885 Soledade já tinha deixado de ser uma freguesia de freguesia de São José do Cariri para ser uma pequena vila bem povoada e até com uma feira semanal. E desde esse início histórico já percebemos que Soledade vai se moldando deixando gradativamente de ser uma zona rural apenas e se urbanizando à medida que avança no tempo e no espaço, através das chegadas de novidades que já começam a caracterizar o moderno.

Adentrando no período que à cidade se insere no mundo moderno, vamos vendo que Soledade ao longo dos anos vai se configurando como uma cidade moderna pelos ritmos desse moderno que vem se somar ao contexto da cidade. Em resumo podemos destacar alguns símbolos do moderno que Soledade recebeu e sentiu, tais como: Açude Velho em 1895, a construção da estrada de rodagem em 1915, o Mercado Público (1919), o chafariz (1921), a energia elétrica, a construção de hotéis entre 1940 e 1950, entre tantas outras e significativas transformações que ocorreram no espaço citadino de Soledade. Isso trouxe maior fluxo populacional, fomentou a economia local e trouxe inúmeros benefícios para os cidadãos que, inclusive, moldares hábitos e comportamentos dos mesmos.

3- SOLEDADE ENTRE O RURAL E O URBANO

Quando pensamos na escrita historiográfica nos últimos anos, vemos os deslocamentos teóricos e metodológicos ocorridos pós-1980, principalmente com a inserção da chamada História Cultural, que é o fruto da terceira fase da Escola dos Annales. Com a inserção dessa vertente historiográfica houve mudanças significativas no âmbito do fazer história, inserindo novos métodos, o que difere do método positivista de fazer História, a qual enaltecia datas, personagens históricos e grandes fatos históricos. A partir da nova História Cultural foi possível trabalhar temáticas anteriormente desprezadas, como: cotidiano, sexualidade, mentalidades e tantas outras historiograficamente com a ampliação de novas fontes e metodologias aplicadas a pesquisa histórica.

Partindo dessas considerações sobre as transformações ocorridas no âmbito da historiografia que nesse momento iniciamos de fato a análise historiográfica propriamente dita do trabalho de conclusão de curso do historiador José Tiago Marinho Pereira, **Da Belle Époque aos Anos Dourados: Rastros de Modernidade em Soledade**, cujo trabalho está inserido justamente nessa perspectiva historiográfica da Nova História Cultural, mas especificamente dentro também dos estudos referentes a História das Cidades, visto que, além de certa forma o historiador em questão mostrar as transformações culturais ocorridas com todo o processo de urbanização e de modernidade em Soledade, mostra como também esse espaço foi pensado, contextualizado, colonizado diante dos processos ocorridos no seu interior como em suas adjacências trazendo consigo mudanças significativas. Por isso ao longo dessa análise autores como Bresciani, Pesavento, Gervásio Aranha entre outros serão mencionando por serem os autores escolhidos pelo historiador José Tiago para dar suporte teórico na construção da sua escrita.

Mas antes de analisarmos os pormenores decorrente de sua produção historiográfica se faz necessário entendermos um pouco o lugar social do autor, visto que como vimos na primeira seção desse artigo, que como Certeau (1982) coloca, toda produção historiográfica parte de um lugar social, econômico, político e cultural.

José Tiago Marinho Pereira possui graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba (2010). Mestrando do Curso de Formação Profissional de Professores da UEPB. Atualmente é professor de História nas Escolas: Estadual Dr. Trajano Nóbrega (Soledade - PB) e da Escola Municipal Áurea Correia de Queiroz (Gurjão - PB). Tem experiência na área de Literatura. Autor do livro *Muito Além da Pedra e cal: Soledades Sensíveis e (In) visíveis*.

Com base justamente da sua formação como descrito acima, percebemos já que seu trabalho vai refletir um estilo leve, sem perder sua densidade científica, pelo fato de um de seus interesses ser justamente a literatura e como toda a sua atuação profissional ser em sala de aula, quem ler seu trabalho percebe mesmo se tratando de um trabalho acadêmico e sem perder isso de vista, ele quis tornar a sua escrita clara ao ponto de ficar evidente o certo didatismo em sua maneira de falar sobre Soledade. Agora vejamos o que levou esse importante historiador soledadense escrever seu trabalho com essa temática bem interessante e que muito têm contribuído para a compreensão do passado soledadense.

Os desejos por saber das possíveis práticas cotidianas de Soledade em tempos idos, uma cidade que em plenos 2010 comemorou 125 anos de emancipação política, que dispõe de um belo conjunto de prédios centenários em sua avenida central que despertam sensações de encanto em pessoas diversas e apaixonadas pela musa da História, conhecidíssima pelo seu comércio rodoviário e pelas festas públicas realizadas na praça, e sempre aferida de a “Princesinha do Cariri”. Tudo isso se constituiu como fatores subjetivos motivadores para a realização dessa caminhada escrituraria. (Pereira,2010, p 16).

Apesar de Soledade ter recentemente completado 136 anos, ainda percebemos esse despertar histórico pelo conjunto arquitetônico, pelo seu comércio intenso e pelas festas que ocorrem em seu perímetro. Mas o que chama atenção é que toda essa materialidade representada por essas construções e mudanças motivaram José Tiago a trabalhar com as questões da modernidade, a qual percebemos como esse processo foi “fabricado” na sua escrita para explicar essas transformações.

Esse trabalho analisado tem como marcos temporais bem marcantes, iniciando no ano de 1856, que constitui justamente o início desse espaço de sociabilidade até 1950, que no âmbito nacional ficou conhecido como Anos Dourados. Portanto um empreendimento audacioso em estudar 100 anos da nossa história enquanto cidade, sendo que o autor parte de uma premissa de fazer essa incursão histórica partindo das questões sanitárias promovidas pelo Estado Moderno desde meados do século XIX:

Trilharemos um percurso histórico, tomando como referência o passado soledadense, enquanto espaço de sociabilidade, a partir da prática de salubridade pública incentivada pelo Estado Moderno. Percorreremos, logo adiante, pelo passado urbano dessa cidade, para então chegarmos às frestas das memórias e vermos as transformações materiais e simbólicas sofridas nesta cidade. (Pereira,2010, p 11).

É justamente com essa prática de salubridade pública que Soledade vai emergir da construção de um cemitério pra evitar os deslocamentos de vítimas da cólera morbos para o cemitério de São Francisco (atual Olivedos-PB). Partindo dessa política, mas que vai contribuir em certa medida nas transformações materiais e simbólicas feitas no âmbito soledadenses, à medida que essa cidade é tocada por essa modernidade.

Partindo dessas transformações é que o professor e historiador Jose Tiago ao longo de seu trabalho vai trazer respostas a alguns questionamentos, fruto das suas inquietações a medida que fabrica sua história sobre Soledade pensando nesse processo de urbanização e modernização. Vejamos as suas problemáticas:

De que forma surgiu a cidade de Soledade? Como e por que Soledade conseguiu se destacar em relação a outras vilas e povoados da mesma região? Quem aspirava ao crescimento e ao progresso de Soledade? Que elementos passaram a denotar os símbolos da modernidade em Soledade? Que mudanças os bens materiais, símbolos do moderno, proporcionava na pequena cidade de Soledade. (Pereira,2010, p 16).

Percebemos claramente que os seus questionamentos partem de várias nuances derivadas do recorte temporal compreendido, trazendo questionamento tanto sobre o surgimento em si da cidade, quanto o progresso oriundo da modernidade, quanto os impactos dessas transformações. E para responder essas perguntas o historiador José Tiago partiu de várias possibilidades, mesmo sabendo da realidade de escassez de fontes, a qual se utilizou de: relatos orais, escassos documentos oficiais, jornais e fotografias. Onde ele fez uso de várias metodologias a partir do uso de várias fontes, como descrito. E como ele mesmo registra fez uso do que Carlos Ginzburg chama de paradigma indiciário, que consiste na busca por pistas, rastros ou pequenos vestígios que podem fornecer qualquer informação válida numa investigação histórica, semelhante ao que um detetive faz.

Além de atentarmos para o lugar social de José Tiago, como suas problemáticas e tipos de fontes utilizadas, é importante que se diga que uma das suas principais fontes foram as orais, por justamente haver uma escassez de escritos sobre Soledade. E assim como, os outros historiadores que sempre têm recorrido a essa metodologia para compor suas produções historiográficas, entendendo também que a fonte Oral também é um importante documento histórico, tendo em vista, que as narrativas orais partem das memórias dos sujeitos que fazem a cidade.

Esse trabalho de conclusão de curso foi defendido no ano 2010 e isso é importante saber, porque como falado anteriormente toda produção historiográfica parte de um lugar onde a produção acontece e que vai ser marcada pela subjetividade do autor, que além de ser motivados por diversas circunstâncias no decurso da escrita, vai também escolher quais procedimentos fará para que determinada pesquisa seja feita. Mas como outrora falado o que influenciará o historiador em questão, a pesquisa sobre essas transformações materiais e simbólicas sobre a cidade de Soledade é justamente o aniversário da cidade naquele ano, visto que a cada ano que se passa, os historiadores locais veem na sua cidade a possibilidade de trazer contribuições significativas para a historiografia local. Onde a historiografia contemporânea permite a possibilidade de os historiadores escreverem praticamente sobre qualquer coisa, desde que se tenha fontes que possibilitem responder as indagações dos historiadores. Até as fontes orais que outrora tinha suas implicações, agora cada vez mais é comum trabalhos que fazem uso desse

tipo de fontes, principalmente quando se parte para a histórica de cidades interioranas como Soledade.

Um conceito que permeará toda a produção do historiador José Tiago será o de cidades, que vem sendo usada amplamente nos últimos anos, sendo problematizado por muitos historiadores por esse universo das cidades ganhar o palco das pesquisas acadêmicas. Sendo que o autor ao escolher falar na perspectiva dos escritos de Bresciani. Vejamos o que José Tiago fala sobre a perspectiva que adotara dessa autora sobre as cidades:

A cidade como espaço de formação de uma nova sensibilidade, uma reeducação dos sentidos do habitante, sendo ela o espaço ideal para recepcionar o novo, o moderno, que se choca ao entrar em contato com os costumes e normas tradicionais, despertando desejos, ao mesmo tempo em que aciona medo e ojeriza. (Pereira,2010, p 11).

Nessa declaração Tiago mostra que a cidade não é um espaço urbano que consiste em apenas tijolos e argamassa, mas um lugar social onde se forma uma nova sensibilidade, ou seja, formas de sentir e vivenciar esse espaço. Imaginemos como foi para os cidadãos ao longo do tempo recepcionarem esse conjunto de novidades advindo desse processo de urbanização e de modernidade que está sendo introjetado nesse espaço, provocando o conceito de sentimentos como bem coloca o autor nessa citação. Além de percebermos que o ato de fabricar essa questão em torno da modernidade está diretamente associado ao lugar onde essa fabricação acontece a medida que a desembocadura nas transformações do espaço urbano. E isso cada vez mais fica evidente na escrita do autor em questão, que pensa a modernidade como um fator variável de transformações de perspectivas dos cidadãos que presenciam tudo que está ocorrendo.

Outra perceptiva teórica acerca de cidades que José Tiago trabalha é quando o mesmo dialoga com o professor Gervásio Aranha, percebe a colocação:

Para tanto, dialogaremos com Aranha (2003) quando ele defende que a experiência moderna não se dava apenas pelo ritmo frenético, dimensões espaciais ou quantidade populacional, mas considerando outros critérios que também validem a presença da modernidade em pequenas e médias cidades do Nordeste, tais como as representações simbólicas e o imaginário urbano contidos nas conquistas materiais, nos símbolos ou rastros da modernidade. (Pereira,2010, p 13).

Nesta perspectiva Tiago demonstra a partir de Aranha que as conquistas materiais e simbólicas não derivam do óbvio, que é o ritmo, dimensão espacial ou quantidade populacional. E isso mais uma vez faz responder nossa problemática inicial, a qual o ato de “fabricar” esse processo de urbanização e modernidade tem como base as representações e o imaginário urbano que vai se configurando a medida que a cidade, no caso Soledade, era tocada pelo urbano e o moderno. Além de indo percebendo que gradativamente com o moderno a ruralidade soledadense ia perdendo seu espaço de configuração para dar vazão ao que viria ser o urbano e moderno como estamos percebendo.

Também o historiador faz uso da ideia de cidades invisíveis de Calvino para entender as mudanças no cotidiano do soledadenses, assim como o conceito de táticas e do cotidiano tomando como referência Certeau, a mediada que explora esse cotidiano soledadenses e se percebe como os cidadãos testemunham as mudanças que são afetadas pela mesma. Outro conceito importante nesta obra é justamente a ideia de modernidade que quer queira ou não, está intimamente ligado a ideia de cidades como já se pode perceber, mas que também está entrelaçado a ideia de cultura, por isso o trabalho está inserido dentro da Nova História cultural, a medida que o cultural perpassa as explicações sobre o urbano e o moderno fabricado nessa produção historiográfica.

Partindo desse pressuposto, com a utilização conceitual de Berman, Falcon e mais uma vez Aranha fica claro em qual perspectiva teórica, a modernidade aqui é pensado ao analisarmos essa pesquisa. Vejamos nas palavras do próprio Tiago:

Conforme expõe Berman (1986), veremos um atrito entre a cultura tradicional e os novos costumes de uma modernidade, que esfacela todas as certezas, no qual até os elementos mais “sólidos e resistentes se desmancham ar”. Tomaremos de empréstimo a propositura de Falcon (apud FONTES, 2007), na qual entendemos o moderno como indicativo de novas experiências nunca antes vividas. Seguindo o prisma de Aranha (2003), apreciaremos como fora possível articular a modernidade, ou melhor, como os símbolos dessa modernidade foram recepcionados nas regiões mais pobres do Brasil, em específico algumas cidades de pequeno e médio porte do Nordeste.” (Pereira,2010, p 17).

Aqui vemos três importantes considerações. A primeira com Berman, trazendo a ideia que o novo esfacela as certezas por parte do moderno, causando o choque cultural entre o tradicional e o moderno. Segundo Falcon pensando a modernidade “fabricada” a partir de novas experiências que os cidadãos passam a ter. E por último na referida citação temos Aranha com a ideia do ato recepcionar o moderno pelas regiões mais pobres desse país, o que revela que até as classes menos favorecidas sentiram as mudanças decorrentes nesse processo de urbanização e modernidade em Soledade.

Partindo agora para uma visão estrutural panorâmica, vemos que o historiador José Tiago Marinho Pereira estruturou seu trabalho em quatro capítulos muito bem escritos, traçando como já falado um recorte temporal de 100 anos, compreendidos desde 1856 até 1950, mais precisamente até 1959, que é tido como o fim do chamados Anos Dourados. O título da obra é bem interessante e já deixa de antemão com clareza e precisão o que será trabalhado, a qual vemos o recorte temporal e os acontecidos sobre Soledade, que Tiago chama de rastros de modernidade, o que traz a ideia que essa modernidade que chegou em Soledade foi lenta e gradual. Onde no trabalho em si, Tiago deixa claro que realmente a modernidade mais de forma significativa e evidente nos Anos Dourados.

No segundo capítulo, visto que ele encara a introdução como sendo o primeiro, intitulado DE COMO SE É FEITA UMA URBE: OS PASSOS E ESPAÇOS QUE DERAM ORIGEM A SOLEDADADE-PB, como o próprio nome sugere neste capítulo Tiago vai explicar como é constituída uma cidade, versando sobre toda a política sanitaria promovida pelo Estado Moderno que possibilitou o surgimento de Soledade, tendo em vista que com o advento da Belle Époque na segunda metade do século XIX e início do XX, houve mudanças significativas nos espaços urbanos, devidos a inúmeras inovações tecnológica e científicas, começando a ser presenciada nas cidades europeias e influenciando as cidades brasileiras, começando pelo o Rio de Janeiro que irradiou o brilho da modernidade para outras regiões.

A partir de 1856, que a região que tornaria a ser chamada posteriormente de Soledade começaria sentir os efeitos dessas imposições do estado moderno, primeiramente com a construção de cemitério e posteriormente de uma capela, que dará origem a Soledade, por isso nesse capítulo fica explicito os passos e espaços que originariam essa cidade.

No terceiro capítulo, DOS ESPAÇOS QUE SEDUZEM À ARTE DE MORAR NA CIDADE: OS CAMINHOS QUE LEVAM A SOLEDADADE, Tiago demonstra como de um pequeno povoado rapidamente Soledade eleva-se ao status de cidade, atendendo aos interesses do progresso da elite local. E no último capítulo MEMÓRIAS DE SOLEDADADE: DA BELLE ÉPOQUE AOS ANOS DOURADOS, o autor a partir da memória de alguns moradores da cidade retratam através das suas reminiscentes lembranças frágeis memória sobre uma Soledade que não existe mais, justamente devidos esses rastros de modernidade terem de fato marcado a cidade tanto no seu aspecto estrutural quanto no seu cotidiano.

E com isso percebemos que a modernidade é um processo lento e gradual que têm várias nuances, a quais vão ,não só ditando os rumos estruturais de uma cidade e sim a maneira como os cidadãos vão sentido e percebendo essa modernização. E obviamente como falado anteriormente esse processo atende um projeto de poder de um grupo específico, que no caso de Soledade foi as oligarquias que tomaram as rédeas dos rumos da modernidade que chegou na cidade, não só visando o benefício populacional, mas também os seus próprios interesses.

4- SOLEDADE NA ESTRADA DA MODERNIDADE

Uma vez analisada a obra de José Tiago Marinho Pereira, vamos nesse momento fazer um mesmo percurso historiográfico com a obra da historiadora Ana Carolina de Araújo Marinho, **No Meio do Caminho tinha Soledade: Memórias e Sensibilidades- A Construção da Estrada de Rodagem e a Chegada da Br-230**. De cara o título já nos remete a lembrança de uma poesia do escritor Carlos Drummond de Andrade “Tinha uma pedra no caminho”, a qual a historiadora faz esse trocadilho com as palavras substituindo pedra pelo nome da cidade de Soledade. E em seguida no título em questão vemos dois conceitos de suma importância que serão trabalhados ao longo da sua obra que são memória e sensibilidades. Consequentemente ainda coloca o assunto do trabalho em questão que será tratar sobre a construção da estrada de rodagem e a chegada da BR-230.

Ana Carolina de Araújo Marinho possui graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba (2014). Onde trabalhou com a temática das cidades. Atualmente trabalha como professora contratada da rede pública municipal na EMEF Luiz Gonzaga Burity em Soledade - PB. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nas seguintes áreas: ensino de história, filosofia, e história das religiões.

Com base na formação dessa historiadora e tendo em vista que também ela é uma soledadense, percebemos já o interesse dela na escolha do tema do seu trabalho monográfico, a qual sua pesquisa está inserida dentro da Nova História Cultural, uma vez que trabalha com memórias e sensibilidades. Mas também seu campo temático específico dentro dessa vertente historiográfica é a História das Cidades, visto que seu objeto de estudo é a cidade de Soledade, assim como foi o do historiador José Tiago Marinho Pereira. Vejamos o que motivou a historiadora Ana Carolina escrever sobre o referido tema:

Sendo assim o presente trabalho busca discutir o campo temático das cidades de acordo a metodologia da História Cultural, tendo em vista que essa pesquisa surgiu do desejo de investigar como a cidade de SOLEDADE-PB foi sentida pelos seus moradores com a construção da estrada de rodagem e depois com a chegada da BR-230. (Marinho,2014, p 13).

Diante dessa citação fica claro que a historiadora já expõe a metodologia que foi utilizada em seu trabalho, que é a História Cultural, que abriu um leque de possibilidades para os historiadores trabalharem com temas que outrora era visto com certo preconceito, como: religiosidade, música, festas e tantos outros. Também vemos aqui que o interesse pelo tema surgiu do interesse em analisar um costume dos moradores de observar o desenrolar dos acontecidos e se isso já era algo comum entre os moradores ou se veio depois com a construção da estrada de rodagem e da chegada da Br-230. Como se perceberá esse trabalho se centra basicamente no campo temático da História das Cidades, assim como trabalha fortemente com as questões relacionadas com a História Oral, oriunda dos meados do século XX.

Vejamos inicialmente o que Sandra Pesavento (2007) fala sobre a História Cultural, a qual a historiadora Ana Carolina utiliza constantemente para trazer vários aspectos dessa linha historiográfica:

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural a cidade não é mais considerada só como um lócus privilegiado, seja a realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (Pesavento, 2007, p 13).

Com está fala citando Pesavento (2007), vemos de cara um primeiro conceito que Ana Carolina vai fazer uso em seu trabalho é a questão das representações, uma vez que com a construção da estrada de rodagem e com a chegada da Br-230, traz para nós o que esse fato representou para os cidadãos daquele contexto. Pois temos que ter em mente que nós não podemos nos transportar para esse passado, mas através de representações temos como ter uma ideia de como foi esse momento. Vejamos o conceito de representação:

De acordo com Chartier: “A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. (Marinho,2014, p 21).

Como Ana Carolina expõe citando Roger Chartier que popularizou o conceito de representação, a qual substitui esse passado por uma imagem o que possivelmente foi esse passado que já não existe mais. Outro conceito importante que permeará a obra da historiadora em questão é das sensibilidades, um conceito muito relevante dentro da História Cultural também, observe:

Outro conceito que a História Cultural trouxe para o historiador foi o estudo as sensibilidades, a história competiria estudar, a questão do indivíduo com suas experiências de vida, no entanto não mais biografias de grandes personagens históricos, mais principalmente biográfica de gente simples. (Marinho,2014, p 22).

E para reforçar sua fala, ela novamente usa Pesavento (2007):

As formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. (Pesavento, 2007, p 57).

Interessante a primeira citação onde Ana Carolina mostra uma crítica ao positivismo, quando se refere que com a História Cultural não á mais a ideia de falar de biografias de grandes personagens, a qual era uma das características dessa vertente. Mas agora dar lugar a gente como a gente, além de focar nas experiências dos indivíduos que são aqueles que participam efetivamente dos acontecidos. A partir da citação de Pesavento vemos que agora o historiador da cultura busca compreender a realidade também por meio dos sentimentos e emoções.

E quando voltamos nossos olhos novamente para a problemática proposta nessa análise, vemos que essas mudanças teórico-metodológicas advindas da História Cultural muito contribui para a compreensão de como o processo de urbanização e da modernidade em Soledade foi analisado pela historiadora Ana Carolina.

Por causa dos limites estruturais do presente artigo seria inviável explorar cada conceito que veio com a abordagem da História Cultural e que de forma bem panorâmica Ana Carolina sintetiza muito bem. Pois além dos conceitos de representações e sensibilidades essa vertente historiográfica trouxe discussões sobre conceitos como: imaginário, narrativa e ficção para o campo da História, trazendo novas conotações que possibilitaram repensar o universo temático historiográfico e explorar novos horizontes.

Como no início dessa análise o trabalho monográfico de Ana Carolina, trabalha dentro do capô temático da História das Cidades, que é um dos tantos campos temáticos existentes dentro da Nova História Cultural. Sendo que a referida historiadora ao abordar a questão de cidades vai traçando historicamente a evolução conceitual e temática das abordagens em torno das cidades dentro do campo histórico. Com base nisso atrela a ideia de cidades entre outras coisas, a questão da modernidade, a qual é um dos principais conceitos desse trabalho aqui presente. Observemos:

Outra representação da cidade é a própria modernidade urbana, “a modernidade, enquanto experiência histórica, individual e coletiva, faz da cidade mais que um lócus, um verdadeiro personagem.” (PESAVENTO, 2008, p.79). O advento da cidade moderna proporciona uma série de novas representações.” (Marinho,2010, p 29).

Com essa citação vemos que com a modernidade urbana as cidades ganham o protagonismo proporcionando novas representações. Assim fica evidente para Ana Carolina que a urbanização e a modernidade ocorrem dentro das dimensões da cidade, onde a vida acontece. E ela continua a dizer:

A modernidade urbana possibilita também pensar outras representações, tais como os referentes aos planos e utopias criadas sobre o futuro da cidade, registrando uma cidade sonhada e desejada em projetos urbanísticos. De acordo com Certeau (2012) abordaremos a cidade na perspectiva de que ela é composta de uma pluralidade de ações táticas dissolvidas em práticas cotidianas, e o consumo dos espaços.” (Marinho,2010, p 29).

Vemos aí que a modernidade projeta planos e até utopias sobre o futuro da cidade que geram um conjunto de sentimentos diversificados. E com base em Certeau (1982), Ana Carolina mostra que a cidade é um espaço de vários discursos e de múltiplas ações e transformações, que promovem o progresso e o desenvolvimento da mesma.

Quando deparamos acerca do processo de produção deste trabalho de conclusão de curso, percebemos que Ana Carolina usou metodologia semelhante a José Tiago, à medida que faz uso de fotografias, relatos orais e documentos escassos para compor seu trabalho. Sendo que ela dá um destaque especial a História oral, pela relevância que a mesma teve na composição da sua escrita, uma vez que a escassez de outras fontes a fez recorrer a entrevistas antigos moradores para compreender se o costume dos moradores estarem nas praças e caçadas de suas casas para observarem a dinâmica social, devido ao movimento dos carros e das pessoas se já era comum ou veio depois da construção da estrada de rodagem e da chegada da Br-230.

Um dentre os vários autores que Ana Carolina se utiliza para seu aporte teórico a medida que vai delineando sua análise, a mesma se apropria dos estudos de Alberti (1975), a qual entre as citações escolhidas pela autora para explicar vários aspectos da História Oral. Vejamos essa citação e logo em seguida o comentário de Ana Carolina:

As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação de entrevistado no tema escolhido, enquanto a história de vida tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que se fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. (Alberti, 2008, p 175).

Agora observe o que Ana Carolina fala com relação a essa citação:

Na nossa pesquisa vamos utilizar a entrevista temática tendo em vista que iremos analisar como a cidade de SOLEDADE-PB foi sentida pelos seus moradores com a construção da estrada de rodagem e depois com a chegada da BR-230, buscaremos analisar a partir das memórias dos nossos colaboradores as sensibilidades vividas pela

população com a chegada desses empreendimentos. A escolha pela história oral temática se deu, visto que temos um tema que tem um período cronológico determinado. (Marinho, 2014, p 31).

Com base no que acabamos de ver tanto na citação extraída da obra de Alberti e do comentário de Ana Carolina, que para atender a problemática proposta pela a historiadora em questão, ela se utiliza da entrevista temática para com seus entrevistados, visto que eles participaram e testemunharam dos acontecimentos advindos da construção da estrada de rodagem e da chegada da Br-230.

Não podemos de forma nenhum esquecer também de falar de outro importante conceito presente no contexto dessa obra, principalmente para entender o processo das entrevistas realizadas por Ana Carolina, que é o conceito de memória. Antes de continuar essa análise, observe o que a historiadora em questão tem entre inúmeras coisas referentes a esse assunto fala:

Mais o que seria memória? Em uma definição mais cotidiana, remete a memória como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo entende como passado. De acordo com Barros (2009) existe também uma significação vulgar que corresponde à Memória a uma categoria estática relacionada à imagem de depósito de dados.” (Marinho, 2014, p 37).

A partir de sua escrita, pensamos a memória sobre duas vertentes, a primeira enquanto processo parcial e outra sobre a limitação sobre passado. Assim, é possível perceber que a memória para Carolina parte do ato de lembrar, todavia, uma lembrança parcial, com pequenos resquícios da história. Ao mesmo tempo, ela pensa a memória enquanto imagem do passado, fazendo-nos a retomarmos a Bósis (2007) que pensa a memória a partir de Halbwachs (1990) enquanto uma lembrança coletiva marcada por experiências, histórias e histórias de vida. A memória no qual Carolina pensa em sua pesquisa é justamente essa coletividade de lembranças que ao serem narradas se entrelaçam, se encontram dentro do encontro com a Br 230 e as mudanças que ela vem trazendo, são a memórias do cotidiano dos sujeitos que dão vozes a pesquisa dela a partir de sua narrativa sobre Soledade.

Agora veremos como está estruturada a obra em análise. Onde esse trabalho monográfico da historiadora Ana Carolina está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo intitulado **Breve apresentação sobre a História Cultural: olhares sobre as mudanças na escrita da história**, a qual Ana Carolina usando os principais autores da História Cultural, como Roger Chartier, Le Gof, Jean Delemueu entre outros para trazer um panorama geral das mudanças epistemológicas e teóricas-metodológicas advindas com as transformações dessa vertente historiográfica, que a própria autora coloca como uma revisão bibliográfica que ela realizara nesse primeiro momento. Esse capítulo também aborda o campo temático das cidades, que vem sendo um campo bem explorado nas últimas décadas pelos historiadores.

No segundo capítulo **História Oral e Memória: As lembranças de um povo**, como o próprio título indica é abordado por Ana Carolina dos campos metodológicos bastantes relevantes para a historiografia, que é a História Oral e a Memória, uma vez que através do relato manifesto pelas reminiscências de antigos moradores é que em grande parte responde a problemática e atende o propósito da referida monografia, na qual a autora busca por meio das vozes de seus narradores compreender por meio de suas memórias as vivências que rodeiam o espaço de Soledade nesse momento. Observo nesse momento, que ao trazer as narrativas orais em sua escrita, a mesma esbanja a sensibilidade dos seus narradores, e por eles encontramos as impressões sobre o novo, esse, a Br 230.

Por fim, no terceiro capítulo **se não tem ferrovia ao menos temos uma estrada de rodagem: A construção do ramal rodoviário** é que de fato a historiadora Ana Carolina problematiza sobre o que de fato o seu trabalho tem o intuito de abordar. Primeiramente a

construção da estrada de rodagem, desde seu planejamento até os efeitos sobre os cidadãos dentro da prática cotidiana de observação da movimentação de veículos. E no segundo momento a chegada da Br-230, com todas as implicações advindas dessa chegada. Mas em ambos os casos é também observado um projeto de poder que atendeu os interesses da elite local da época.

Assim sendo, encontramos nas obras aqui apresentadas olhares distintos, mas um interesse e comum, produzir a história de seu lugar a partir do olhar para cidade, sua cultura, urbanização e modernismo. São nessas pesquisas, que percebo dentro de seus limites a relevância de estudar a História Local e a importância do historiador de escrever sobre essas histórias.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as colocações em nosso texto a partir da análise historiográfica das obras que discutidas e compreendendo as possibilidades de pesquisa e ao mesmo tempo seus limites, percebemos o quanto a pesquisa histórica torna-se rica em diversos aspectos. Os múltiplos olhares sejam eles do autor ou das fontes ganham lugar na escrita tornando-se verdadeiros monumentos históricos que devem ser perpassados para além da academia.

Diante de tudo que foi exposto percebemos a relevância de ambos os trabalhos monográficos para a conclusão dos cursos de história de José Tiago Marinho Pereira e de Ana Carolina de Araújo Marinho, a qual abri inúmeras possibilidades tanto de explorar novos assuntos sobre Soledade, como também novas análises sobre outras óticas.

Trabalhos dessa envergadura apesar de serem árduo os processos contribuem significativamente para a historiografia local e a comunidade acadêmica, porque passa a esses trabalhos serem conhecidos e servirem como lastro acadêmico para tantos outros que possam surgir.

De forma alguma a pretensão desse artigo foi esgotar as possibilidades de análise, mas como já foi dito, é possibilitar novos horizontes de análise, devido a riqueza temática e várias nuances, que ambos os trabalhos têm, a qual seria quase impossível abordar nesse todos os detalhes disponíveis neles.

Acredito que a problemática proposta foi respondida, a qual faz a gente entender que a história enquanto historiografia, na verdade é uma fabricação do historiador que fabrica sua história a partir do lugar social, econômico, político e cultural. E nesse mesmo lugar que se instaura os métodos e técnicas que possibilitam a pesquisa que desembocara no produto final que será uma escrita. E tendo bom base isso vimos que tanto José Tiago como Ana Carolina pensaram a ideia de modernidade, mesmo com pequenas diferenças, como a chegada do novo que possibilita novas sensibilidades e se choca com o que já existe.

É de suma importância que historiadores soledadenses possam trazer à tona o passado dessa importante cidade paraibana, que ainda tão desconhecida. E que a partir da análise de trabalhos como desses importantes historiadores aqui analisados possam contribuir significativamente para a historiografia local e passem a serem melhor conhecidos, para que possamos valorizar melhor a nossa querida terra, que é a cidade de Soledade.

Por fim, ao pensarmos o processo de urbanização e modernidade na cidade de Soledade, percebemos que foi um processo gradual que trouxe novas configurações não só para o espaço citadino, mas também para o munícipes, visto que alterou a dinâmica social e cultural. Com José Tiago vimos os rastros da modernidade advindas de acontecimentos que desembocaram aqui em Soledade, começando na Belle Époque, que marcou um processo de efervescência de transformações nas dimensões espaciais, afetando a sociedade como todo em vários lugares e chegando no seu apogeu nos Anos Dourados, que para Soledade foi um momento que de fato

se presenciou e se sentiu de fato o moderno adentrando as frestas dessa importante cidade paraibana. Já com Ana Carolina, focando em sua pesquisa sobre a construção da estrada de rodagem e a chegada da BR-230, percebemos dois acontecimentos dentro desses rastros de modernidade abordadas na pesquisa de José Tiago, que no caso a historiadora em questão leva os nosso olhar para as mudanças no hábito mais personalizado, a medida que mostra o hábito de observação das pessoas a dinâmica das transformações que os cidadãos estão testemunhando de uma cidade que anteriormente tinha contornos mais rurais para um cidade que começa entrar de fato na vanguarda das cidades modernas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. “Fontes orais. História dentro da História”. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**, São Paulo: contexto, 2008. (p.155-202).

BÓISIS, Eclea **Memória e Sociedade**, Lembranças de velhos, São Paulo, Companhia das letras, 15 ed. 2007.

CASTILHO, Denis. **Os Sentidos da Modernização**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia.2010.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**: tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

GINZBURG, Carlos. “**Sinais: raízes de um paradigma indiciário.**” In: **Mitos, emblemas, sinais**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-179.

IBGE: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros XVII. Volume. Rio de Janeiro 1960.Planejada e Orientada por Jurandyr Pires Ferreira.

JÚNIOR, Robson Freitas de Miranda. **A história como “logos do outro”**: Michel de Certeau e a operação historiográfica. Universidade de Minas Gerais, Minas Gerais,2019.

MAURICE, Halbwachs. **Amemória coletiva**. Edit. Revista dos tribunais, SP, 1990.

MARINHO, Ana Carolina de Araújo, **No Meio do Caminho tinha Soledade: Memórias e Sensibilidades- A Construção da Estrada de Rodagem e a Chegada da Br-230. Monografia** (Licenciatura em História) -Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande,2014.

NÓBREGA FILHO, Inocêncio Nóbrega. **Malhadas das Areias Brancas ou história de uma cidade**. Fortaleza: Escola Tipográfica. São Francisco, 1974.

PEREIRA, José Tiago Marinho, **Da Bella Époque aos Anos Dourados: Rastros de Modernidade em Soledade**. Monografia (Licenciatura em História) -Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande,2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo. **Modernidade e modernismo-Significados**. Série história do Recife vol. 1 n°14 7-24.1993.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao meu Deus, pelo dom da vida e por me capacitar nessa jornada de escrita desse trabalho de conclusão de curso, a qual não foi fácil, mas por meio da sua graça estou concretizando um sonho. Só por ele ter me amado e ter me ajudado nessa caminhada até aqui, é motivo de gratidão e muita alegria.

Sou grato também a minha amada esposa, minha eterna namorada Diane Alcantara que me motivou, e corrigiu em amor quando eu estava desanimado e pelos momentos que tanto ela quis minha atenção, mas compreendeu que em determinados momentos não foi possível. Também sou grato ao meu filho do coração Isaque Emanuel, que sem entender porque eu passava horas estudando, quis várias vezes minha atenção e eu não pude dar, mas é por ele que tudo isso estava também sendo feito. Não posso deixar de mencionar meu outro filho do coração Henrique, que mesmo as vezes distante da casa da mãe, nas oportunidades que está em casa não pude também ser mais presente por conta dessa empreitada acadêmica. E também não posso deixar nesse momento de mencionar meu pequeno Asafe Samuel, que nasceu a 10 meses atrás e que quis minha atenção, e eu muitas não tive como dar. Mas toda essa renúncia foi por amor a eles, visando sonhos e projetos para o futuro.

Quero agradecer aos meus familiares que de forma direta ou indireta me ajudaram de alguma forma, em especial minha mãe Maristella que foi o instrumento que Deus escolheu para que eu viesse a esse mundo, a minha tia Lindaci que me apoiou e de certa forma contribuiu em momentos que precisei dela para me ajudar em algumas necessidades e meu primo Jeann, a qual é um dos meus referenciais de estudo, que sempre acreditou em mim. Também sou muito grato a vários amigos que conquistei ao longo dessa jornada dentro de curso de História, entre ele menciono de forma especial; Franciel, Maxciel, Diana, Melissa, Erica Alves, Valdeir, Francisco in memoria, conhecido mais como Chicão e Rômulo. Não posso esquecer daqueles que apesar de não fazerem parte da minha turma, tive a grata honra de conhecer nos corredores da universidade, alguns que hoje são meus amigos, como: Thais, Natalia, Diego, Tércio, Carlos, Jessica Kaline.

Quero agradecer a todo corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba, mas em especial faço menções honrosa a meu orientador Alberto Edvanildo Sobreira Coura, a qual não sou foi meu orientador, mas um verdadeiro pai paciente, que nessa jornada me pegou pela mão e me guiou propondo caminhos através de ideias e leituras. Outra menção honrosa faço ao professor Matusalém, que sempre acreditou em mim e de alguma forma me ajudou a chegar no orientador certo. Também não posso me esquecer do professor José Júnior, a qual tive a honra de ser seu monitor no componente curricular História Contemporânea 2, a qual foi uma experiência enriquecedora. Outra que foi uma colaboradora significativa na minha jornada foi a professora Luíra Freire, que além de contribuir com seus conhecimentos foi a grande responsável por fazer a ponte com o professor Alberto.

Não menos importante do que os demais quero agradecer ao meu pastor Diogo Oliveira e sua família por ser uma inspiração para vida e ter me encorajado nessa caminhada quando

estava desanimado. E para não ser injusto com ninguém, agradeço a todos irmãos que formam a Igreja Verbo da Vida de Soledade, a qual congregar e amo a vida de cada um que contribuiu direta e indiretamente, seja em palavras e orações.

Enfim agradeço também a Wellington e Wesley que foram um incrível suporte para eu obter o material das leituras de cada componente curricular. Por fim agradeço a todos que compõem a Universidade Estadual da Paraíba por ter aberto as portas para mais um cidadão como eu tivesse a chance de conquista sua tão sonhada formação.